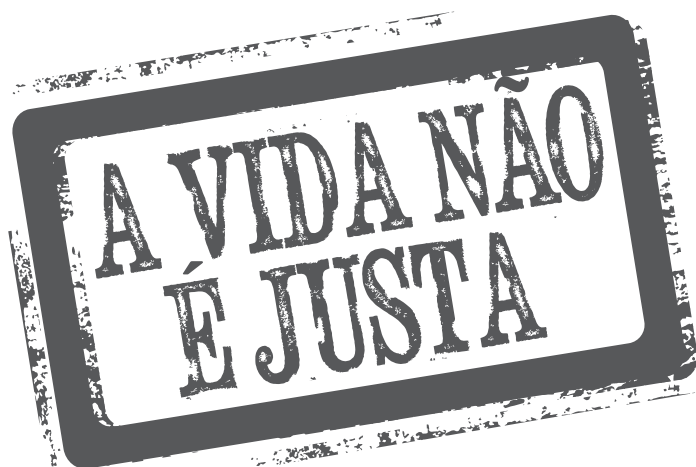


A VIDA NÃO
É JUSTA



ANDRÉA PACHÁ



 HarperCollins *Brasil*

Rio de Janeiro, 2016

© 2012, by Andréa Maciel Pachá

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela CASA DOS LIVROS EDITORA LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8312/8313

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.

Sindicato Nacional dos Escritores de Livros, RJ.

P116v Pachá, Andréa Maciel
2ª ed. A vida não é justa / Andréa Maciel Pachá.
— Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

ISBN 978.85.69809.28-9

1. Crônica brasileira. I. Título.

12-6360

CDD: 869.98

CDU: 821.134.3(81)-8

*Para Marcelo, meu amor permanente,
na alegria e na tristeza,
por todos os dias da minha vida.*

*Para João e Kike, minhas fontes de vida,
pela experiência de um amor incondicional.*



Sumário

Apresentação	9
--------------------	---

I – Amores líquidos

É assim no final?	15
Casamento não é emprego	19
Brincando de casinha	23
Fala quem pode	27
Doença inventada não cura	31
Fiel todos os dias da vida	35
Direito ao sonho	41
Quem cuida dele?	45
Quando o amor acaba em silêncio	49
Sem crime, sem castigo	53
Liberdade ainda que tardia	57
Um não ama por dois	63

II – Pais e filhos

Mais valem dois pais na mão	71
As melhores intenções	75
Toma que o filho é teu!	81
Sem padecer no paraíso	85
Era só o que faltava... ..	89

Papai Noel não existe	95
Um dia de cada vez	101
Tem coisa que não se pergunta	107
Nem tudo é verdade	111
Em nome do pai.....	115

III – Realidade ampliada

Cale-se para sempre	121
Molhadinha25.....	125
No meio do nada tinha uma história.....	131
O enterro do filho de Édipo	135
Ele amava Catarina.....	141
Gabriel no Alemão	145
Poderoso é quem resolve	149
O que os olhos não veem.....	153

IV – Recomeços

Todo dia e nem sempre igual.....	161
Mereça a moça que você tem	165
Sagrado é um samba de amor.....	169
Mas eu amo aquele homem... ..	173
Reconciliação	179
Deixa o inverno passar	185

Agradecimentos.....	189
---------------------	-----

APRESENTAÇÃO

A vida é ruim, mas é boa

Alcione Araújo

Escritor

Casamentos podem ser efêmeros, mas separações são eternas. Todavia, casais não se preparam para o desenlace. Aliás, nem para o casamento. Tantos não dão certo! Talvez a preparação seja inútil. Diz-se que o casamento é cogitação que, hoje, só surge depois que o amor se entranhou. Nos dois cônjuges. Num pelo outro. Mas o senso comum diz que não se prepara, e nunca se está preparado, para o amor. Ele surge espontaneamente. Às vezes, atropela o bom senso e a lógica, e surpreende todos, inclusive os amigos, que não intuíaam aquela química entre eles. É a famosa química, ciência oculta e experimental, que se pode aprender, mas não se sabe ensinar. A química inescrutável cria a energia e o frescor do bom relacionamento.

Desejado e festejado, o bom relacionamento é essencial, dizem casais experientes. Para alguns, é até mais importante que o próprio amor. Para esses, havendo um bom relacionamento, pode-se viver com alguém que não se ama. O que é impossível quando o convívio é ruim, mesmo amando muito. No casamento é que se descobre que o paraíso pode ser vizinho do inferno. Enfim, não nos preparamos para o amor, nem para o casamento ou a separação.

Mas não é de se estranhar. Tampouco estávamos preparados para a vida ao nascer. A prova é o vagido inaugural do

bebê, assustado de ter de iniciar a vida num mundo desconhecido, após o terno aconchego de um útero suave, quente e aquoso. Daí em diante, tudo é surpreendente, inesperado e imprevisível. Inútil tentar se preparar. Instituiu-se que amar se aprende amando. Correndo-se o risco de dar certo ou não. O que o poeta já advertia: “A paixão é uma flor que se colhe à beira do abismo.”

Dois enamorados informam ao Estado que querem coabitar ao abrigo da lei, e passam a ser identificados como cônjuges. Se adiante o casal não alcança o relacionamento desejado, ou o amor acaba, instala-se a crise. Incapaz de resolvê-la com equidade, cogita a separação. E, súbito, entram em cena pessoas estranhas ao casal, e não preparadas para lidar com dificuldades afetivas: os advogados e o juiz. Com poder outorgado pelo Estado, os estranhos assumem a responsabilidade de decidir sobre o que deve ser feito para proteger eventuais filhos e assegurar que seja cumprida uma lei que o casal, em geral, desconhece. E o Estado, ao atender a solicitação, invade a intimidade do casal. A judicialização dos afetos é um vício de mão dupla.

Este livro trata do momento em que o casal, ou um dos cônjuges, busca o apoio do Estado, na pessoa do juiz da Vara de Família, para se separar segundo as exigências da lei. O clima é de um sonho que virou pesadelo. As circunstâncias emocionais que envolvem o desenlace amoroso deixam o casal abalado, decepcionado, tenso e vulnerável. Com as fragilidades à flor da pele, encara o juiz, o estranho cuja personalidade, formação e sensibilidade orientam suas percepções e atitudes. O humanismo e a consciência social legitimam a sua liberdade para interpretar a lei. Como fiscal da execução da lei, o juiz pode focar-se nos atos de ofício: conduzir, com racionalidade, a anulação do contrato conjugal, nos termos legais, mantendo-se olímpicamente distante das emoções e limitações humanas, alheio aos condicionantes educacionais,

culturais, sociais e econômicos do país. Mas não é o que faz a autora e juíza Andréa Pachá.

A vida não é justa é uma seleção de separações judiciais, narradas pela autora, que é também a juíza incumbida de legalizar o rompimento dos casais. Ao dar forma literária ao que é o seu trabalho diário, Andréa Pachá revela-se uma profunda conhecedora da legislação, que não se resigna à sua mera aplicação. Metabolizou as frias letras da lei, que parecem circular nas suas veias com o pulsar da vida e das emoções. Em vez de operadora da lei, um ser humano atento, sensível e informado, que ausculta a percepção, a intenção e o desejo do casal, tentando entender o que pensam da vida e buscando aquilatar suas possibilidades e limites de viver o fim e superar sequelas. Não oculta dúvidas, discordâncias e inseguranças sem, contudo, perder a lucidez ou se afastar dos deveres e limites da sua função. Mas o peso da toga não pode dobrar a sensibilidade da pessoa.

As crônicas da autora interessam a todo tipo de leitor. Ao que se comove com histórias de amor — tema imbatível na preferência humana desde a pré-história —, mesmo sem *happy end*, embora o fim de um amor enseje o início de outro. Ao que esfrega as mãos de curiosidade pelo que ocorre do outro lado dos sombrios portais do Judiciário: da intimidade conjugal aos motivos da separação, com infidelidades, ciúmes, raivas e brigas; da divisão dos bens à pensão alimentícia; da proteção dos filhos aos deveres dos pais. Ao que quer evitar atitudes e comportamentos que levem a um fim idêntico. Ao que gosta das intensas emoções dos desenlaces. Ao que quer detalhes da última audiência: tensão, raiva, ciúme, paixão e ressentimento. E também a quem, com alívio e alegria, pode, enfim, livrar-se do inferno cotidiano.

Embora escrito com leveza, às vezes com sutil ironia, mas sempre com compaixão, é possível que algum leitor sinta densidade na leitura pela sucessão de rompimentos. Mas vale

lembrar que todos esses fins tiveram inícios felizes. Paixões e amores, correspondidos ou não, são o que de melhor e pior pode acontecer na nossa vida. Eis a verdade metafísica da qual não podemos escapar: a vida é ruim, mas é boa.

Parte I
Amores líquidos



É assim no final?

— É só isso?

— Só isso sim, Aline. Se vocês quiserem esperar um pouco, podem aguardar no corredor para levar o documento de averbação do divórcio.

Mas Aline não se levantava. André também parecia não ter pressa para deixar a sala.

— Surpresa com a rapidez? — perguntei, tentando esvaziar o espaço para a pauta que começara há pouco.

Ela não estava surpresa. Não conseguia encontrar a palavra que definisse o que sentia naquele instante. Na impossibilidade de sintetizar com um substantivo abstrato, precisava de longas orações coordenadas, subordinadas às lembranças que brotavam sem ordem cronológica compreensível.

— É isso, então, o que acontece no final? — ela repetia, olhando para André, como se ele tivesse a resposta.

Aline e André não tinham uma história dramática para contar. Nem sequer precisavam de um acerto de contas. Não se olhavam com ressentimento, tampouco deixavam transparecer que ainda nutriam alguma expectativa para retomar a vida a dois.

Viveram juntos 22 anos. Conheceram-se do outro lado do oceano. Ela, em um curso de especialização, ele, de mochila nas costas, em uma viagem ferroviária sem rota ou destino.

As coincidências e as afinidades eram a certeza de que um nasceu para viver ao lado do outro. Ele ancorou naquele porto seguro e decidiu esperar o fim do curso da moça. Não perderia o trem de volta ao seu lado.

Podia ser apenas mais um romance definitivo, daqueles que começam nas férias e terminam tão logo aterrissam na vida real. Mas não foi assim na história de Aline e André.

Agora, ali na sala de audiências, Aline estava visivelmente abalada. Eu não queria deixá-la se expor, sem necessidade, naquele ambiente. Interrompi:

— Aline, vocês já terminaram. Não preciso saber dos motivos da separação, nem acho legal você ficar revolvendo suas lembranças...

Antes que eu concluísse a frase, ouvi a voz de André:

— Lembra do sufoco, Aline, quando seu namorado apareceu lá, de surpresa?

Comovidos e emocionados, os dois não só queriam, como precisavam contar a profunda experiência de amor que viveram durante mais de duas décadas.

Os filhos, o trabalho, as divergências familiares, as muitas viagens, os livros, os filmes. Em pouco tempo, montaram a colcha de retalhos costurada pela estrada.

Choravam de mãos dadas. O casamento acabou. O amor, provavelmente, também. A tristeza com que experimentavam o luto se espalhava pela sala. Parecia desrespeitoso interrompê-los.

Se o ritual do nascimento do amor fazia todo o sentido, o mesmo não se podia dizer do seu fim.

Pode ser que os amores sejam todos iguais: começam com o coração aos pulos, migram para a banalidade do cotidiano, dispersam-se no tempo e, um dia, chegam ao fim. As exceções estão aí para confirmar a regra.

No entanto, Aline, André e tantos outros que passaram por aquela sala acreditavam que, com eles, a história seria outra.

O herói romântico tinha um destino trágico, como todos os heróis.

Nas tragédias, o fim estava traçado. Não tinha jeito de mudar rota ou rumo, embora os heróis dediquem a vida a lutar contra o destino inexorável.

No amor, contrariando todas as estatísticas, experiências, pesquisas científicas, cada casal tinha a pretensão de reverter o peso do cotidiano e aprisionar aquele estado inicial de encantamento e paixão na gaiola da eternidade.

Quando não conseguiam, como qualquer herói, enfrentavam a tragédia do fim.

Também no caso de Aline e André o distanciamento foi lento. O amor não acabou de uma hora para outra. Não houve um fato, um desencontro, uma falha de comunicação que pudessem ser apontados como a causa.

Aline e André não brigavam. O ninho vazio dos filhos que ficaram adultos e foram viver suas vidas era a explicação para o afastamento. Algumas vezes, percebiam o incômodo ou a insatisfação do outro, como naquela vez em que ele, chegando tarde de um jantar com os amigos, encontrou a mulher chorando na sala escura.

Abraçaram-se, carinhosamente, para aplacar a sensação de abandono que não era verbalizada, mas experimentada, em silêncio, pelos dois.

O amor nunca acaba de uma hora para outra. Vai gastando, lentamente, no tempo arbitrário da vida.

Se o começo de tudo tinha uma história, uma hora, um roteiro e um ritual, se eram garantidos aos amantes uma festa, promessas, flores, música e todo um cenário para sacramentar a sorte e a coincidência do encontro, nada mais justo que o fim do amor também pudesse ser vivido com a cerimônia necessária.

Não era o caso de uma celebração. Também não podia ser tão simples quanto duas assinaturas numa sala gelada de um tribunal e mais nada.

Aline tinha razão. Vinte e dois anos de vida não podiam terminar em cinco minutos.

Ouvi as histórias que quiseram contar. Não me preocupei com o atraso das demais audiências.

Aline e André precisavam combinar a melhor maneira de ele retirar as suas coisas da casa. Ainda precisavam acertar a divisão das pequenas lembranças e dos objetos grávidos de significado.

Nada disso era tratado no processo. Mas decidiram que a solução seria encontrada sob meu olhar.

Não era culpa de ninguém. A frustração era dos dois. A tristeza do luto era de todos nós que assistimos à expressão concreta do fim de um ciclo.

Não adiantava falar que eles tiveram uma vida linda. Não adiantava falar que era raro um relacionamento acabar de mãos dadas. Não adiantava mostrar que o que plantaram no caminho era definitivo.

Mesmo acostumada a observar e decidir dezenas de separações diárias, com o distanciamento profissional possível, eu me vi, naquele momento, envolvida pela tristeza profunda experimentada pelo casal.

Não conseguia enxergar aquele destino como um fenômeno banal e cotidiano. A individualização da dor, estampada nas faces de Aline e André, fazia com que eu compreendesse cada processo como uma tragédia única.

Desejei boa sorte aos dois. Eles saíram de mãos dadas. Olhei para a cena como se estivesse observando um milagre da transformação do amor para outra de suas muitas formas.

Acostumada com os finais felizes das obras de ficção, anteví a possibilidade da retomada daquela relação.

Mas não era assim na vida real. Não era, também, o fim do mundo. A vida tem múltiplos caminhos e diversas possibilidades. O ritual do luto era necessário para seguir adiante.